

nome do município por existir em grande quantidade na região (MELO .Antônio, 2003).



Figura 2 – Mulungu (*Erythrina Velutina*), Fonte: Maximiano daSilva, 2010.

Hoje, os números dessa espécie no município é bastante resumido, quase em extinção devido ao desmatamento das grandes áreas de vegetação originária para a prática da agricultura e de pecuária extensiva, que contribuíram para a rápida eliminação destas espécies que compõem a flora do município de Mulungu.

No aspecto hidrográfico, a área é representada pelo Rio Mamanguape, que apresenta seu médio curso no perímetro urbano de 1km a 800m, com uma largura que varia em torno de 35 a 57m, e uma profundidade média de 2 a 4m

no período das chuvas. Apresenta em suas bordas um material de formação aluvial.

O Rio Mamanguape é intermitente. No período chuvoso, ocorre grandes enchentes, trazendo, às vezes, prejuízos à população.

O mesmo apresenta-se bastante degradado, pois a própria comunidade deposita constantemente grande quantidade de lixo, de animais e esgotos em suas margens, contribuindo ainda mais para aumentar o assoreamento que já existe no rio. É muito preocupante a devastação das matas ciliares causadas tanto pela urbanização desorganizada, quanto pela prática da agricultura e da pecuária.

O desgaste dos terrenos da área estudada tem forte influência da drenagem da bacia do Rio Mamanguape, sendo o principal agente dos depósitos argilosos da área, como mostra a foto a seguir:



Procurando na historiografia paraibana, documentos sobre a origem do município de Mulungu, podemos observar que é bastante escassa a quantidade de material produzido a respeito.

Quanto a sua origem, não existem dados específicos, nem quanto a data da fundação, nem quanto ao nome do fundador. Existem, pois, histórias que são lembradas pelos mais velhos. Existem uma origem mais mítica, onde se afirma que onde hoje é a cidade de Mulungu, existia uma grande mata na qual morava uma tribo selvagem denominada Araguaia.

Perto da mata, onde hoje é o povoado de pau ferro, morava um fazendeiro, dono de quase todas as propriedades da vizinhança. Certo dia, seu filho foi caçar e distanciou-se de sua fazenda, perdendo-se na mata. Encontrado pelos índios, foi preso e amarrado a uma grande árvore.

Consicente da situação em que se encontrava, o moço cheio de aflição, lembrou-se que Santo Antonio era muito milagroso e cheio de fé, recorreu ao Santo, pedindo-lhe que o salvasse. Em troca, prometeu ao Santo que doaria aquelas terras ao próprio Santo e mandaria construir uma capela no local onde estava amarrado, em sua homenagem. Foi então quando aconteceu o milagre.

Vindo não se sabe de onde, apareceu uma linda índia de cabelos longos, sorrindo para ele. Por meio de gestos, ele lhe pediu que o soltasse, e que casaria com ela. Como entendido o que o moço dizia, a índia desamarrou e saiu fugindo com ele, até chegar na sua casa.

Reza, ainda, a tradição, que o rapaz ao chegar em casa, contou o ocorrido, anunciando o milagre. No entanto, aquela altura já não pretendia mais se casar com a índia, mas foi obrigado pelos pais em cumprimento à promessa

que fez e, assim o casmento foi feito. Mais tarde as terras também foram doadas a Santo Antonio, como o jovem havia prometido.

Como vemos, essa é uma explicação mítica da origem do Município. No entanto, os estudos de Costa (2000: p.33), nos dizem que o município se originou a partir de uma fazenda com o nome de Camarazal.

Com o passar do tempo foram sendo construídas algumas casas em torno da fazenda, vindo mais tarde a chamar de Mulungu, em face, de como já dissemos, da grande quantidade de árvore na região.

Já em 1875, Mulungu constituía um aglomerado urbano com certa organização administrativa, a ponto de ser lembrada por Coelho (1955: p.34), em seu livro “Guarabira através dos tempos”, no que pode se dizer, que a fundação de Mulungu deve remontar, pelo menos às épocas anteriores, a segunda metade do século XIX.

Nesse mesmo livro, (Coelho 1955: p.45) fala das passagens de D. Vital, durante as suas missões, por volta de 1877, quando teria recebido de um caboclo, cujo nome não se tem registrado a doação de um “dote de terra” para Santo Antonio, que incluía as terras sobre o qual a cidade está edificada. Ainda hoje, essas terras pertencem à paróquia de Santo Antonio, padroeiro da cidade.

No ano de 1891, foi criado o distrito da paz de Mulungu e nomeado o respectivo Juiz de Paz, o qual era escolhido entre as figuras representativas da comunidade.

Em 25 de Junho de 1938, através do decreto nº 06 foi delimitado a área urbana e rural do então distrito supra citado.

Finalmente, após vários anos como membro do município de Guarabira, Mulungu conseguiu tornar-se independente. Isto aconteceu mediante a lei

2.074 de 29 de Abril de 1959, ocorrendo à instalação oficial a 1º de Setembro do mesmo ano.

Desde então, Mulungu governa-se a si mesmo procurando suas próprias respostas para os complexos problemas que desafiam a argúcia de seus administradores.

A emancipação política fará produto de interesse das lideranças locais, entre elas o deputado estadual Joacil de Brito Pereira, além do agropecuarista Romero de Oliveira, Adonis de Aquino Sales, Geraldo Beltrão e Osmar de Aquino. Nesse contexto, as camadas populares também tiveram a sua participação, como bem podemos observar nas palavras. “A população participou da seguinte maneira, foram recolhidas as assinaturas (abaixo assinado) e foi dada entrada com uma solicitação do distrito, para ficar independente do município de Guarabira”.

“Foi um pedido do povo levado pelo deputado estadual Joacil de Brito, o parecer favorável era dado com o percentual relativo ao número de habitantes do distrito”.

Em relação ao processo de emancipação política do município de Mulungu, podemos dizer o mesmo não se deu apenas com a participação política do latifundiário, mas também, participaram as classes populares que tiveram sua parcela de contribuição nesse processo.

Enconomicamente o município de Mulungu sempre teve seu suporte na agricultura com a cultura de algodão, na cidade funcionava uma usina beneficiadora de algodão, que começou a funcionar em 1938, e até a década de 80 gerou muitos empregos, e hoje se encontra desativada, devido à praga do bicudo (*Anthonomus grandis* B), acabou com a cultura do algodão, desmotivando a grandes e pequenos agricultores que tiveram prejuízos incalculáveis.

Hoje, a cultura de subsistência como o milho, feijão, mandioca, entre outros, é ainda a base econômica da maioria das famílias esta cidade, e em relação a pecuária destacam-se o gado bovino, caprino, ovino, a criação de galinhas, codornas, suínos, equinos.

Com a decadência do algodão e conseqüentemente o fechamento da usina beneficiadora de algodão, o vigor da cidade era outro, todas as famílias trabalhavam com algodão, tinham melhores condições de vida, as tradicionais festas eram sempre cheias, pois todos se encontravam para comemorar a colheita, rever amigos, segundo relatos dos moradores mais antigos do município de Mulungu.

Atualmente, os mais importantes vínculos empregatícios do município são: a prefeitura municipal, juntamente com as cerâmicas (fábrica de tijolos e telhas), a Cerâmica Jardim, Cerâmica Maria Macêdo, ambas situadas na zona rural e a Cerâmica Santa Bárbara, situada na zona urbana.

Com tão poucas oportunidades de emprego, a maioria dos jovens são obrigados a sair da cidade em busca de empregos nas regiões Sul e Sudeste do país.

5 ATIVIDADES CERAMISTAS NA PARAÍBA.

As industrializações dos produtos cerâmicos no Estado da Paraíba foram catalogados pelo STINCONDE – PB. São 116 unidades fabris espalhados em 52 municípios paraibanos.

Na mesoregião da Mata Paraibana encontramos pólos cerâmicos em 7 cidades entre elas João Pessoa, capital da Paraíba. No Agreste paraibano contamos com 10 cidades onde existem indústrias cerâmicas, entre elas está a cidade de Mulungu, que tem 3 cerâmicas. E que uma delas (Cerâmica Jardim) é o nosso objetivo de estudo, fonte de nossa pesquisa.

Na Borborema, podemos observar que é a mesoregião que ostenta mais pólos cerâmicos, com 10 pontos de referência.

E no sertão paraibano é o menor pólo cerâmico, com apenas 2 cidades com indústrias cerâmicas.

Observamos que há uma considerável expansão com relação às indústrias ceramistas, trazendo resultados econômicos positivos, mas por outro lado aumentando significativamente o impacto ambiental, pois segundo observações feitas, algumas não disponibilizam boas condições de trabalho.

5.1 Aspectos históricos da Cerâmica Jardim e suas atividades

A atividade ceramista em Mulungu é muito importante, pois a situação geográfica do município na bacia hidrográfica do rio Mamanguape, contribuiu para o acúmulo de solos argilosos, na região do médio mamanguape. Nesse ponto se destaca a Cerâmica Jardim que serviu como objeto dessa pesquisa (Figura 4):



Figura 4 –Cerâmica Jardim (Município de Mulungu – PB). Fonte: Maximiano da Silva, 2010.

A Cerâmica Jardim está localizada no Município de Mulungu/PB, ocupando uma área de 10 hectares, tendo como proprietário o senhor Antônio de Oliveira, que conta com o apoio dos familiares para sua administração.

Sua construção iniciou-se em 26/01/1978, pelo senhor Antônio de Oliveira Filho, hoje os atuais proprietários são: Rosineide Macêdo de Oliveira e Maricélia Xavier da Silva.

Antigamente, a cerâmica fabricava tijolos, telhas etc. Hoje, só trabalha ou fabrica tijolos de 18 centímetros, esta mudança deve-se a grandes dificuldades que a mesma passou, segundo relataram alguns funcionários.

Hoje, a Cerâmica Jardim funciona com 33 funcionários diretos, sendo que no período em que a produção aumenta, são contratadas mais pessoas. A grande maioria tem alguma formação escolar, e outra parte ainda estuda no turno da noite.

Em média, todos os funcionários ganham um salário mínimo, hoje passou a ser 545,00 reais, variando de acordo com função de cada um. Os funcionários são, na maioria, jovens, variando entre 18 e 35 anos, todos do sexo masculino.

Segundo a senhorita Aldayane, secretária, na fase do planejamento, foi feito um estudo de impacto ambiental para instalar esta indústria (Cerâmica Jardim) e a norma federal estabeleceu licença prévia na fase preliminar do planejamento da atividade, que prevalece até o dia de hoje.

São utilizadas, para a fabricação dos tijolos, 3 caçambas de barro (argila) diariamente e a produção é de 20 a 30 mil tijolos por dia. O barro (argila) utilizado é a argila vermelha que é misturada à uma argila mais arenosa conhecida pelos próprios funcionários como goma de cheia, a partir dessa mistura, são fabricados os tijolos. São retiradas das áreas exploradas, em média 15 caçambas de barro (argila) por dia, que são armazenadas no pátio da

cerâmica para o estoque. A argila é retirada do próprio terreno da cerâmica e, às vezes, também é comprada de fazendeiros que têm propriedades na região

Os resíduos dos produtos (metralhas, tijolos quebrados) também são reaproveitados, pois são comercializados como metralha na construção civil.

A lenha usada na fabricação dos tijolos é comprada na própria região, atualmente sendo retirada de uma localidade conhecida como Mata de Cajueirinho no próprio município, que fornece também para as outras cerâmicas de Mulungu.

Segundo a secretária, Aldayane, a lenha é comprada legalmente e registrada pelo IBAMA, tendo comprovantes como notas fiscais. Quando falta a lenha no município, para não parar a produção, compram em outras cidades.

De acordo com alguns funcionários, a cerâmica de vez em quando recebe a visita de agentes fiscais do IBAMA, para verificar seu funcionamento e o trabalho com o reflorestamento, que é feito através de contribuições inclusas em impostos pagos, visando amenizar os danos causados ao meio ambiente.

Aproximadamente 80% dos tijolos produzidos na cerâmica são comercializados nas cidades circunvizinhas, sendo que o restante é comercializado no próprio município.

O preço do tijolo fica em torno de 240,00 a 280,00 reais o milheiro, depende muito do momento econômico que a empresa se encontra.

O processo de fabricação do tijolo, hoje é feito por maquinários industriais onde o homem apenas opera as máquinas.

“Segundo o senhor Teninha, “as máquinas praticamente tomaram o espaço do homem”, pois o mesmo vê que antigamente a Cerâmica empregava mais pessoas, até o barro (argila) que hoje é transportado por máquinas”, antes era carregado por burros, conseqüentemente havia mais trabalho manual. Porém, a Cerâmica Jardim juntamente com as outras duas, precisamente a

(Cerâmica Santa Bárbara e a Cerâmica Maria Marcedo) e a prefeitura de Mulungu, são os principais fontes de trabalho do município.

5.1.1 O processo de produção.

As escavações superficiais, aqui denominadas de Jazidas, são conhecidas na nossa região como “barreiros”, que são simplesmente fornecedores de matéria-prima para a indústria cerâmica.

Na Cerâmica Jardim (município de Mulungu), a exportação das jazidas é realizada a céu aberto, utilizando-se equipamentos como retro-escavadeiras.



Figura 5 – Extração de argila (Cerâmica Jardim Município de Mulungu –PB).Fonte;Maxmiano da Silva, 2010.

Esse tipo de extração de argila, requer alguns tipos de cuidados, que serão importantes para se ter maior aproveitamento do solo como também evitar maiores danos ao meio ambiente que devem ser tomadas antes do início da exportação da argila, inicialmente retira-se o material que não servirá como matéria – prima, ou seja, os estéreis (vegetação, solo, arvoral e outras matérias que não interessam à indústria cerâmica) que em seguida serão colocados em locais que não prejudiquem pastagens, agriculturas, cursos de água, estradas, etc. (ZANDONADI, 1995, p.108).

Na área onde é retirada a matéria-prima, os estérios são retirados e armazenados junto com a argila e, devido ao tempo que passam estacados, os memos vão se decompondo.

Após a extração da argila, ela é transformada até a cerâmica por caçambas, veículos utilizados para o transporte de matéria-prima. Após esse processo de retirada da mesma inicia-se, então, a fabricação. O processo envolve 12 passos diferentes, um sistema que exige muita mão-de-oba e técnica de produção, por isso o conhecimento prático é fundamental na arte de fabricar tijolos.

Na Cerâmica Jardim, como nas demais, o processo de fabricação de tijolos segue as seguintes etapas:

1º- Exploração de Jazida – retirada da matéria – prima (barro) para fabricação do tijolo.

2º-Sazonamento – o barro é armazenado para que haja um amadurecimento.